2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 20. QUINTA FEIRA, 22 DE MARÇO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Breves reflexões sobre alguns pontos de Economia Agricola.

A IMPORTANCIA da materia, a auctoridade do nome que a tracta, são causas poderosas para que os nossos leitores prestem a maior attenção aos artigos com que o Sr. Alexandre Herculano vae honrar a REVISTA.

É sabido que, no tempo que lhe deixam livre os seus aturados estudos historicos, o Sr. Herculano se entrega com amor ao estudo theorico e pratico dos nossos melhoramentos agricolas, e por este meio liga as glorias do passado com as unicas que o presente póde ambicionar.

Esperamos que tão respeitavel voz não soará no deserto.

319 CIRCUMSTANCIAS meteorologicas extraordinarias ameaçam o nosso bello paiz de uma colheita nulla. Perto de tres mezes de aridez, na epocha do anno em que as chuvas são mais necessarias, tem quasi destruido as esperanças dos agricultores. Um mez mais que dure esta situação, e o mal tornar-se-ha intensissimo, e, em grande parte, irremediavel.

Os espiritos fracos contentam-se com blasphemar ou carpir-se. Isto é covarde. Muitos voltam-se para Deus, e imploram a Providencia. Isto é respeitavel. Outros pensam nos alvitres para occorrer á miseria e á fome, que póde vir a pezar sobre a população menos abastada. Isto é generoso e nobre. Mas aquillo em que poucos pensam é em converter esta situação assustadora n'uma lição salutar; em deduzir do mal presente proveito para o futuro.

O nosso povo actual é um pouco similhante a seus avós, os marinheiros do seculo XVI, que afrontavam as procellas dos mares da India e da America. Rudes e feros na bonança, voltavam-se para o céu quando a tempestade ameaçava submergi-los. Era d'aquelles trances que os sacerdotes, seus companheiros de riscos e aventuras, se aproveitavam para os revocar ás santas doutrinas da fé, e era ordinariamente então que n'essas almas rudes achavam accesso o arrependimento e as verdades da religião.

Desejariamos que a imprensa fosse tambem um pouco similhante aos bons missionarios do seculo XVI; que nos dias da angustia dissesse algumas verdades duras aos povos, quando mais não fosse, ao menos para interromper a monotonia das que diariamente diz aos reis. A imprensa que vive da publicidade, da publicidade que se estriba na bolsa do povo, praticaria um acto de devoção mais corajosa, fallando severamente aos seus naturaes patronos, do que dirigindo-se aos principes, de quem ella depende incomparavelmente menos para existir e prosperar.

Por isso nós a convidariamos para que, sem distincção de partidos, sem lhe importar com a diversidade da sua missão politica ou litteraria, aproveitasse o ensejo de temores que assaltam geralmente os animos, para ensinuar n'estes importantes verdades.

A natureza do flagello que nos opprime, as observações que fizemos n'uma pequena excursão para o lado de Cintra, nos suscitaram estas reflexões, a que esperamos associem outras de mais valor as pessoas competentes. Posto que dominados por uma viva affeição á agricultura, a essa rainha das industrias, somos apenas curiosos na pratica d'ella. Ha, porém, uma certa somma de verdades iniciaes na sciencia que estão ao alcance de todos os que as buscam, seja como estudo, seja como curiosidade.

Portugal tem uma agricultura incompleta. Se exceptuarmos o Minho, podemos dizer que o producto do nosso solo é exclusivamente representado pelos cereaes, pelo vinho, e pelo azeite. Por importantes, comtudo, que sejam os dois ultimos, o principal é, como em todos os paizes, o dos cereaes.

Mas é doutrina incontestavel, que para a cultura d'estes poder prosperar é necessaria a copia de estrumes; que para haver copia d'estes é necessario gado; que este não existe, ou tem uma existencia precaria onde não ha pastagens, e estas são sempre miseraveis e insufficientes n'um paiz onde a *intensidade*, digamos assim, do systema agricola não é proporcional á sua *extensão*; onde a arte não ajuda energicamente a natureza a supprir a alimentação dos animaes.

Portugal não tem creações de gado: queremos di-

zer, não tem n'este ramo de industria rural senão o restrictamente necessario para a lavoira, pelo que respeita a gado grosso; e o seu gado lanigero é pouco numeroso, imperfeito, e rareado annualmente pelos resultados de um tractamento quasi selvagem. Porque? Porque ainda não adoptámos a doutrina fundamental de toda a agricultura judiciosa, a creação dos animaes n'uma larga escala, nem buscámos ainda os meios para isso adequados.

As nossas terras mais ferteis produzem de 10 a 15 sementes, e a producção das mediocres é entre 5 e 8. Tendo a cultura adquirido uma grande *extensão*, com esta producção acanhada o lavrador acha-se collocado entre dois extremos deploraveis. Se o anno é máu, a limitada proporção entre a semente e o producto torna-se ainda mais restricta, e embora suba o preço do genero, o fabrico absorve quasi a colheita: se o anno é propicio, a barateza no mercado vem a inutilisar a abundancia, e o cultivador fica sempre miseravel.

A imperfeição das machinas e dos methodos, o pessimo systema, ou antes a negação de systema nas rotações, e varias outras causas contribuem para este estado violento; mas a causa principal é a desproporção enorme na distribuição do solo: o homem crê fazer para si a parte do leão, e engana-se. Expoliando os animaes que o ajudam nas suas laboriosas tarefas, os animaes que o vestem, ou lhe fertilisam os campos, do quinhão que lhes cabe nos fructos d'elles, torna-se desgraçado a si no meio de uma abundancia mais apparente que real.

Na Inglaterra, o paiz modelo da agricultura, os productos de um terço, pelo menos, da terra cultivada pertencem aos animaes domesticos. Nós talvez não lhes reservamos um centesimo. O erro n'esta parte produz uma infinidade de factos, que principalmente determinam a falta de progresso d'*intensidade* na agricultura nacional.

Um anno pouco favoravel, como o que vae correndo, descobre logo por diversos modos a nossa situação deploravel.

De que ouvimos principalmente queixar os agricultores, quando os interrogamos sobre os fataes effeitos d'este estio inesperado, que veio pesar sobre nós no coração do inverno? De que esse pouco gado que possuem morrerá á fome. Porque? Porque o lavrador põe quasi exclusivamente as suas esperanças nas hervagens espontaneas; entrega á Providencia o cuidado dos seus bois e das suas ovelhas. Esta confiança nem é prudente, nem religiosa. Deus não deu inutilmente ao homem a faculdade de reflectir, nem os braços para o trabalho. A protecção da Providencia não vae até o ponto de supprir o desprezo da nossa actividade intellectual e material.

Perdemos os poucos gados, que possuimos, quando o inverno é secco; perdemo-los se é excessivamente chuvoso. Pode-se dizer que este facto pinta e resume o estado do nosso progresso agricola.

Que prevenções faz em geral o cultivador para obviar a qualquer d'estas hypotheses terriveis, tão faceis de verificar-se, principalmente a segunda? Nenhumas. Onde estão os fenos devidamente colhidos e conservados, onde as raizes das plantas chenopodeas e cruciferas, onde os prados artificiaes, regados pelos ribeiros, onde, emfim, todos esses recursos, de que o agricultor dos paizes centraes e do norte lança mão para resistir ás incertezas das estações?

O lavrador cultivou cereaes — muitos cereaes — e repousou, pelo que tocava ao seu gado, nos dons espontaneos do inverno. O inverno negou-os. Resta pedir a Deus que reduza á regularidade as variações atmosphericas, variações incertas só para nós, e dependentes de leis naturaes, que porventura os progressos da meteorologia virão ainda revelar-nos, e que não cremos se hajam de alterar a favor da nossa imprevidencia.

Sabemos o que se costuma responder a isto: «Esses fenos, esses prados, essas raizes fusiformes, que constituem uma alimentação abundante para os animaes, são possiveis nos paizes humidos do norte. O nosso clima adusto torna impossivel a applicação de um systema analogo.»

Seria longo, mas pouco difficil, mostrar sobre todos os aspectos o sophistico d'este argumento; mostra-lo por factos. Impressionados pelo que, com tristeza, acabamos de ver n'um tracto de terra de cinco leguas, limitar-nos-hemos a algumas considerações especiaes.

E primeiro que tudo, com que direito se invoca, para defender a incuria agricola, falta de humidade do nosso clima, quando deixamos correr annualmente para o mar milhões de pipas d'agua pelos grandes rios e por centenares de regatos, que podiam, muitas vezes com leve trabalho, fertilisar os campos visinhos e alimentar prados, cuja producção excederia quanto a cultura dos paizes do norte offerece, n'este genero, mais admiravel?

Depois, que meios se empregam para temperar pela arte os effeitos da nossa situação meridional? Os habitos adversos a esses meios são os que dominam entre a população campestre. É sabido que as arvores, ainda nas noites mais seccas do estio, attrahem á terra uma grande porção de humidade. A que deve o Minho a frescura dos seus valles, os enormes productos do seu solo, que não soffre comparação com as nossas terras fortes da Estremadura? A uma arborisação admiravel. O homem do sul tem odio, litteralmente odio, não só ás selvas, mas até á arvore solitaria, que póde assombrar-lhe algumas pavêas de cereaes, porque os cereaes são o idolo que resume todos os seus affectos, embora a cruel experiencia lhe venha provar, nos annos desfavoraveis á cultura das gramineas, que o seu systema acanhado e exclusivo conduz facilmente á miseria e á perdição.

Este odio ás mattas e arvoredos tem-se tornado n'uma especie de contagio, que vae lavrando e ameaça as provincias septentrionaes. A Beira ha muito que começou a ser despojada dos seus magnificos bosques, que por partes a tornavam rival do Minho. Os effeitos, porém, do destroço insensato dos grandes vegetaes sentem-se principalmente na Estremadura, e sobre tudo n'este tracto de terra entre dois mares, onde se acha situada a capital. Os vapores, que as arvores, povoando os cimos dos montes, attrahiriam para os valles, não descem á terra: os ventos do norte, precipitando-se livres dos visos calvos das collinas, fustigam as encostas do sul, remoinham nas planicies, e não consentem sequer que o orvalho con-

sole á noite a vegetação devorada pelo sol do meio-dia. Na verdade, a aridez dos campos na estação estival pouco importa ao cultivador exclusivo de cereaes; mas quando causas desconhecidas impedem, durante o inverno, o curso dos ventos chuvosos, quando o verão vem substituir-se ao inverno, não sabemos se como castigo se como advertencia, então elle maldiz essas torrentes de ventania, que produzem mais seccura em vinte e quatro horas do que tres dias de sol ardente. Maldi-las, sem se lembrar ou sem saber, que seus paes e elle proprio contribuiram para a existencia de semelhante flagello pela destruição das mattas, ou, quando menos, pelo descuido no plantio d'ellas.

O ciume cego com que a menor leira de terra aravel é disputada aos arvoredos, por causa do predominio exclusivo dos cereaes, explica indirectamente esse furor com que são perseguidas as arvores, até nos sitios mais inferteis; com que se lhes disputa a vida até por entre as penedias das serras. — Como a cultura das forragens é insignificante, e enormemente desproporcionada á dos cereaes; como o céu está encarregado, pelo commum dos agricultores, de prover á sustentação dos gados, o baldio é o segundo artigo do credo agricola d'elles. Os pastos communs são a cidadella da inercia, e o theatro reservado pela ignorancia ás maravilhas da Providencia. Todas as desvantagens de conservar incultos terrenos que poderiam servir ao homem se adoptassemos um systema mixto, ou se attendessemos ás indicações da sciencia e á natureza do nosso clima, para promovermos a arborisação nos logares accommodados para ella, não são comparaveis ao delicioso espectaculo de ver retouçar meia duzia de ovelhas, vaccas, e bois ethicos, nas gandras bravias, quando, n'um systema de cultura judicioso, conservariamos gordos e anafados dobrado numero de animaes, unicamente com a producção da nossa propriedade particular, *sem que deixassemos de colher n'esta a mesma quantidade de trigo*, que nos produz o deploravel methodo da cultura exclusiva.

Ajuda, 8 de Março de 1849.

ALEXANDRE HERCULANO.
(Continuar-se-ha.)

Considerações ácerca das vaccas leiteiras de Lisboa.

(Continuado do n.º 18.)

Influencia do penso na producção do leite.

320 DE verão, o leite, embora mais encorpado, diminue consideravelmente de quantidade, e a ponto de pouco mais dar do que metade a dois terços do maximo do que produzíra na primavera. Assim deveria ser, porque a *palha*, que se lhes dá á descripção e base do sustento, é o alimento menos proprio á producção do leite. Ordinariamente é a *triga* que se lhes presta, e se não fôra barata, poder-se-hia dizer, como alguns agronomos estrangeiros affirmam, que o leite sahe ao vaqueiro mais caro do que o preço por que o póde vender. — Alguns dão tambem palha de cevada, que, em quanto á producção, tem a mesma influencia da antecedente, e além d'isso, o inconveniente — se é exclusiva — de dar amargor ao leite. Póde, pois, dizer-se que as palhas servem para entreter o sustento, e por isso, afim de haver-se algum leite mais, torna-se mister outro pasto mais sufficiente. Recorre-se então ao *feno*, que, pelo modo como se confecciona no estrangeiro, se reputa ahi boa forragem galotophora; mas, como entre nós se prepara, pouco mais é do que palha. De feito, lá fóra cortam a herva na sasão competente; isto é, ainda de côr verde, e da florescencia para a granação; em quanto nós a deixâmos crescer completamente, e quasi seccar no proprio pé, para depois ceifar um esqueleto fibroso insubstancial; pois os principios nutritivos, concentrados nas sementes, são perdidos para os animaes; isto porque as ditas sementes se desprendem e cahem de seus casulos ao mais leve movimento que se dê á massa do feno. Apezar d'isto, conhece-se que ainda assim dão muito mais leite do que a palha.

Os fenos, a que nos referimos são proventos dos prados naturaes, compostos das hervas que já considerámos. Bom fôra que se generalisassem os prados artificiaes, e d'estes fosse o feno, que, ou de luserna ou esparceto, etc., é sobre maneira galotophoro, tendo comtudo o cuidado de o não dar exclusiva e demasiadamente, porque é mais calificiente do que a forragem verde. O feno da faveira, a que chamam *caneira*, tambem entra na variedade do penso d'esta estação, e póde dizer-se que utilisa pela mesma variedade, e não porque muito influa na producção do leite. As semeas, por que as vaccas são mui gulosas, dão-se em fórma de *beberage*, e em caracter de ração, isto é, por uma só vez ao dia em quantidade determinada. Tanto por sua natureza, como por esta fórma, influe bastante na producção do leite, pois os principios albuminosos d'esta substancia, e a agua da beberage são elementos da elaboração d'este producto, que cresce sempre que estes superabundem. Alguns vaqueiros, sobretudo os da cidade, abusam muito da influencia da agua, e, para obrigar as vaccas a beber mais do que precisam, deitam sal na semea; isto, sobre dar o leite delgado, torna-o salgado e desagradavel. O sal é importante para a saude das rêzes, quando em dose conveniente, torna sapidos os alimentos, fazendo com que se comam com mais gosto, e em maior copia; estimula as secreções, e por isso favorece a do leite. Assim o tem intendido a maior parte dos agronomos; porém as ultimas experiencias de Boussingault provam que estes effeitos não são taes como se suppunham, e que toda a importancia do sal está em se conservarem mais sadias as rêzes a que se administra.

Milho verde. — É a unica substancia verde que de verão se dá ás vaccas; e prestado, como é, em tão pouca quantidade, e por uma só vez ao dia, póde olhar-se como uma salada, que se lhes dá, para os refrigerar. E, todavia, esta forragem, prestada com fartura, é uma das mais eminentemente galotophoras; pucha um leite abundante, e d'um gosto adocicado summamente agradavel. — Semea-se o milho basto, em hortas que se reguem, ou em terras frescas; as-

sim basto cresce alto e a canoilos delgados, e mal aponta a maçaroca é cortado para immediatamente se dar. Póde dizer-se que no verão, como a semea, é o milho verde que, por sua tendencia, chama e entretem o leite ás vaccas, pois com a sua subtracção, máus fenos, como os nossos são, as rêzes seccariam, ou, se não seccassem, o leite produzido não pagaria a despeza do sustento. É ainda o milho verde que refrigera e mitiga a escandecencia do penso secco, tanto mais calificiente, quanto é novo, e sobretudo dado n'uma estação já de si calida. Pena é que, conhecendo nossos vaqueiros todas estas vantagens, o dêem em tão pouca quantidade, quando o podiam ter sem grande preço, constituindo com elle, pelo menos, metade do preço ordinario.

É muito de louvar, nas horas de pouco calor, levar a pascigo algumas vaccas — isto succede fóra da cidade — pois no entanto apanham, ainda que pouco, algumas verduras, que, juntas ao milho, accrescem a ingestão da massa verde, tudo em proveito da maior copia de leite, e, além d'isso, d'uma respiração mais salubre.

Levam-se n'esta epocha — as vaccas — a abeberar, pelo menos, duas vezes ao dia.

Outono. — Nos primeiros tempos da estação continua o regimen da antecedente, até que, com as primeiras aguas, cresçam e enramem alguns nabos, cujos proventos passam então a substituir o milho verde pelas alturas do mez de Novembro. Reputam então os vaqueiros o milho *frio* de mais, e menos apetecido pelas vaccas em vista dos nabos; mas isto é certamente um effeito do gosto pela variedade, do que por tal qualidade fria, porque, se esta é a refrigeração dependente da verdura, verdes são tambem os nabos; se bem que, da parte d'estes, o principio acre commum — as *cruciferas* — póde motivar algum estimulo, e por isso attenuar mais aquelles effeitos. Os nabos dão-se quando teem cabeça formada, e a maior parte já depois de grelados, ou depois de escolhidos os melhores, que se vendem para nosso consumo: é o resto, de pouco preço, que se dá então ás vaccas. Arrancam-se com a cabeça, e golpêa-se esta, para evitar algum accidente na deglutição, pois ás vezes se atravessam no esofago, com perigo de suffocação.

O nabo é a verdura prestada d'esta epocha; em algumas vaccarias pobres aproveitam muitos rebotalhos de fructas, as parras, folhas de canna, e a *sempre-noiva* (polyganum aviculare, L.), que cresce rasteira pelas ruas de menos passagem; mas ainda a palha e os fenos são a base ou principal sustento, que alguns vaqueiros melhoram com a bandeira do milho.

Influencia d'este penso na producção do leite.

Deve pouco variar da do verão. A começar a estação, o leite é, em qualidade e quantidade, o mesmo, e ás vezes menos, por estarem cançadas de produzir sem um penso que as ajude. Dizem os vaqueiros que é por tempo da feira da Luz que as vaccas dão menos leite. Porém, quando vem os *nabos*, como estes são prestados com fartura, acode então o leite, mais pelo facto de abundarem em verduras, do que pelos nabos serem mais galotophoros do que o milho verde; mas o leite, se bem que é mais copioso para os fins da estação, não é tão gostoso, e se muito abundam os nabos, cria um sabor bem ingrato, que, em parte, se corrige dando ás vaccas algumas pitadas de sal.

Os rebotalhos das fructas e outras substancias verdes acima apontadas, se puxam mais algum leite, nem sempre este é de boa qualidade; e asseveram alguns agronomos que a *sempre-noiva* motiva esta alteração especial, que dá logar ao leite *azul*.

É escusado dizer que continua a ração de semeas, pois estas quasi todos os vaqueiros as dão em todas as estações.

Levam-se as vaccas a beber uma ou duas vezes por dia.

Inverno. — Continua o mesmo regimen alimentar; porém, na desfrisa dos nabaes, quando seus productos teem já pouca substancia, porque os grêlos são fibrosos, e as cabeças ôcas, espontaneamente apparecem outras hervas, que invadem os nabaes em tanta copia, que os supprem na applicação forrajosa: conta-se, entre outras, mais dominante a *herva vaqueira* (calendula arvensis, L.), que se corta com o resto dos nabos, e continua a ser a verdura empregada até que chegue o tempo das melhores hervas da primavera. — Bosc, attendendo á sua qualidade temporã, e ao gosto com que as vaccas a comem, com proveito da qualidade do leite, propoz semea-la para fornecer forragens temporãs, cuja vegetação se póde prolongar por dois annos, cortando-se todos os quinze dias antes que as sementes hajam amadurecido.

Influencia d'este penso.

N'esta estação as vaccas, que teem de parir na primavera, vão apoucando na producção, porque já dissemos que a maior actividade está entre os quinze dias depois do parto ao setimo mez de cobertas. Porém as que pariram no outono teem nos orgãos mamares sufficiente actividade para affrontar os dias frios e tempestuosos, que influem abatendo a secreção. Póde dizer-se que no clima de Lisboa, não sendo o frio excessivo, convem, pela actividade centripeta que gera, especialmente nos orgãos digestivos; do que se segue maior apetite, que os vaqueiros satisfazem tanto com o penso secco, que as vaccas então mais comem, como com as verduras, o que tudo concorre para um encorpado e copioso producto, que nunca chega, todavia, em quantidade, ao que dá na primavera nos bellos dias de Abril e Maio.

As vaccas, n'esta estação, só bebem uma vez ao dia.

Taes são as considerações, que, por agora, fazemos a respeito das vaccas leiteiras de Lisboa. N'outro artigo examinaremos a hygiene de suas habitações, as molestias mais frequentes, e tambem o modo como se criam e pensam os vitellos.

S. B. Lima, Lente da E. Veterinaria.

Prognosticos.

321 Prognosticos são varios signaes, tirados quer do estado da atmosphera, quer dos animaes, quer dos vegetaes, e que podem servir aos cultivadores para

prever o tempo. A arte de adivinhar o tempo pelos prognosticos é incerta; porém entre estes ha alguns que se não devem despresar, e que convem saber, taes como os seguintes:

Prognosticos tirados do estado da atmosphera.

Estrellas sem brilho em céu claro é signal de tempestade ou chuva.

Relampagos no horisonte sem nuvens, signal de bom tempo e calor.

Trovões á tarde, tempestade: de manhã e ao meio dia, chuva.

A chuva, que resalta quando cahe, é signal que ha de chover muito, e por muito tempo.

Quando as nuvens, depois de grossas chuvas, parecem descer sobre a terra, e cobrir os montes, são signaes de bom tempo.

Nevoeiros depois de máu tempo promette bom tempo.

Nevoeiro, que sobrevem repentinamente em bom tempo, e que quando se desfaz apparecem nuvens, é signal de máu tempo.

Céu de *carneirinhos* indica vento no verão, neve ou saraiva no inverno.

Horisonte sem nuvens, pouco vento, ou vento do norte, é signal de bom tempo.

Depois de vento sobrevir geadas, que se desfaçam em nevoeiros, é signal de máu tempo.

Prognosticos tirados dos corpos terrestres.

Se se ouvir ao longe o som dos sinos, é signal de vento ou de mudança de tempo.

Quando os cheiros se sentirem mais fortemente do que de ordinario, é signal de que vae chover.

O vento que principia a soprar durante o dia é muito mais forte, que o que apparece durante a noite.

Quando apparecer a geada com vento de leste, é signal de que ha de durar muito.

Prognosticos tirados dos animaes.

Quando, durante o começo da noite, se virem muitos morcegos, ou estes voarem sem cessar, é signal de que o dia seguinte ha de ser quente e sereno.

O grito da coruja em máu tempo annuncia mudança para bom.

Os patos e ganços esvoaçando, grasnando fortemente, e mergulhando-se repetidas vezes em tempo bom; as abelhas affastando-se pouco dos seus cortiços, ou recolhendo-se apressadamente ao cahir do dia; os pombos recolhendo-se tarde para o pombal; os passaros chilreando juntamente; as andorinhas voando muito baixas, como que tocando com as azas na terra ou na agua, annunciam chuva proxima.

Se as moscas mordem, e tornam-se mais incommodas do que ordinariamente, signal é de tempestade.

É signal de chuva se as rãs grasnam fortemente, se os lagartos sahem das suas tocas, se os vermes apparecem á superficie da terra, e se os bois ou perús procuram juntar-se.

* *

N.° 20.

Ferrugem das chaminés.

322 É grande descuido perder-se a ferrugem das chaminés, pois que ella é um estrume muito bom não só para os jardins, mas tambem para as hortas. Os alcalis, que encerra em si, activam a vegetação, quer se empregue em regas, quer em pó.

Para se empregar em rega não ha mais que mistura-la em tres quartas partes de agua e uma de ourina. Deve-se misturar na proporção de tres arrateis de ferrugem para vinte canadas de liquido. Como custa muito misturar-se a ferrugem com a agua, é conveniente mecher esta por bastante tempo com um páu, até que tudo se junte. De quantos mais dias este mixto se empregar, melhor é, e mais estrumam as plantas.

Gallinha da Cochinchina.

323 Uma das aves de creação mais notaveis que existem, é certamente a gallinha, á qual se deu o nome de *gallinha-abestruz*, oriunda da Cochinchina.

Esta ave gigantesca, introduzida recentemente na Inglaterra pela rainha Victoria, apenas existe nos predios rusticos do dominio real.

Esta especie excede, em grandeza e vigor, a tudo quanto se conhece até hoje do genero gallinaceo. A sua côr geral é de um baio escuro, carregado, e brilhante, com um signal preto, em fórma de ferradura, no peito. A crista é de dimensão ordinaria, de fórma algum tanto dentada, tendo por baixo do bico duas membranasinhas.

Independentemente da sua grandeza, estas gallinhas apresentam ainda outros caracteres distinctivos, entre os quaes avultam os seguintes. — A disposição das pennas por detraz do pescoço do gallo começa de baixo para cima: a aza é articulada de modo que a metade posterior póde, á vontade, ser revirada e levantada entre a metade anterior e o corpo.

Ainda a carne d'estas gallinhas não foi provada, porém, se se der attenção á côr branca e á delicadeza da pelle, tudo promette um gosto delicado e saboroso.

Os ovos, que poem as gallinhas d'esta especie, são mui grandes, de côr de chocolate, e mui gostosos. Uma, que figurou na exposição dos productos agricolas da Sociedade de Agricultura de Dublin, tinha já posto 94 ovos em 103 dias.

Espera-se que esta raça, cruzada com a raça corpolenta de Dorking, produzirá novas e estimadas variedades.

* *

PARTE LITTERARIA.

Lamartine e Raphael.

(Continuado do n.° 18.)

324 A obra, destinada para o coração, não carece de catastrophes imprevistas, nem de bem combinados ardis para illudir o leitor.

**

O epilogo de Raphael está nas primeiras paginas. Quando principiâmos o exame do manuscripto já sabemos que é a historia de um anno de amor, que finda na cruz que se levantou sobre uma sepultura, já aberta quando esse amor começa.

Duas circumstancias, essenciaes para uma obra de estylo, se encontram em Raphael — a descripção da natureza feita, copiando o céu ou a terra; e o bem grupados que estão todos os quadros.

Lamartine descreve sempre como um pintor, e não como um escriptor.

O que a palavra não sabe dizer, e o que o pincel só adivinha, cahe-lhe sempre com facilidade da penna.

Quando as Academias consumiam largo tempo para averiguar se a poesia andava ligada á pintura, procuravam o sol ao pino de dia bem claro.

Lendo as obras de Lamartine, temos muitas vezes imaginado que a sua penna se trocava pelo pincel, e n'esses momentos figura-se-nos vê-lo traçar um quadro da eschola de Teniers, em logar de estar a escrever no Jocelyn esses versos tão simples e tão cheios de verdade, que lhe servem de principio.

Das paginas da *Viagem ao Oriente* já nos tem parecido ver surgir d'esses toques de pincel, de que Vernet, o pintor inimitavel das *marinhas*, sabia tão galhardamente usar.

Se o pintor das campanhas de Argel fosse auctor de um quadro dos Girondinos, as suas figuras não teriam mais relevo nem mais vida do que na obra de Lamartine.

Lebrun, fazendo desfilar com ardor um esquadrão alinhado desde o primeiro plano até ao ultimo d'uma das suas campanhas, não é mais feliz do que Lamartine, fazendo passar ante os olhos do leitor os personagens grandiosos d'essa terrivel tragedia.

Lendo a Historia dos Girondinos, sentimos a mesma impressão que nos causou o severo e luminoso desenho de Horacio Vernet, quando Napoleão surge da campa para pedir que as suas cinzas vão jazer na terra de França. O heroe das cem batalhas, com um pé ainda dentro da sepultura, parece querer avançar com o outro para pisar a Europa: a sua fronte revela que o sopro da morte por ahi passou para lhe seccar a flôr da vida; mas as linhas das feições traduzem com feliz expressão a phisionomia do maior conquistador das éras modernas.

Esse quadro não é o retrato de um homem; é uma pagina da historia: é assim que os Girondinos estão descriptos.

Chamaram quente ao estylo de Murillo quando elle misturou com as tintas da sua palheta o fogo que lhe devorava a mente, e que não pôde deixar todo no seu quadro de S. Antonio; nós diremos, á semelhança d'este conceito, que todas as descripções de Raphael, e as figuras, que d'ellas se destacam, são aquecidas pelo fogo da vida.

O Amaury, de Dumas, com aquella triste donzella, trazendo na fronte o sêllo da morte, em logar da corôa de esposa por que suspira, com a Walsa de Weber, que, por instantes, a lança no delirio da existencia, e que, tempos depois, a vem conduzir, como uma sombra, desde o leito da vida, para expirar quando no piano morrem os ultimos sons da Walsa, tirados com paixão pelas mãos do homem que a ama — tudo isto, que serve de tela para a pintura de uma grande paixão, não val, para nós, uma só pagina de Raphael. O artificio está em um livro; a verdade está no outro. Pomos aqui esta comparação porque sabemos que Amaury é um livro presado por algumas almas, que sabem comprehender o amor, que não rasteja pela terra, mas que vôa para o céu como a aguia. Se alguma d'essas nos aconselhou para que o lessemos, estamos certos de que se ha de recordar com prazer de que lhe indicassemos a leitura de Raphael.

Applicando-lhe ainda outra apreciação, relativa á unidade da arte, diremos que ha no desenho da obra as curvas graciosas e flexiveis de Urbino, e que os cambiantes do seu colorido resplandecem nas montanhas de Aix, ou nos rostos inspirados que se grupam n'este quadro de grandes affectos, que, se por um lado se aproximam do mais intrepido arrojo, pelo outro se confundem com a mais desinteressada devoção.

Eis-aqui o motivo por que nós dissemos que havia algumas observações para fazer ácerca do nome do heroe do livro e o do auctor da Transfiguração.

A descripção do retrato de Urbino, tomada como a descripção da phisionomia do moço Raphael, é um modelo de estylo, com que se depara logo na terceira pagina.

Raphael nasce orphão de bens da fortuna, mas dá-lhe Deus em patrimonio o mais valioso dom da terra — o amor de uma boa mãe — e, como a benção do Senhor, este amor lhe val em todas as tribulações da sua desventurada vida.

No meio dos outros homens Raphael medita, e não acha na sua imaginação, tão rica de inspirações elevadas, palavras que troque pelas banalidades, com que a maior parte da gente desgosta a vida: é por isso que Lamartine diz d'elle: «*Son monde à lui fut son rêve.*»

Se lhe perguntavam por que não escrevia, a sua resposta era mui simples: «*Rien n'est beau de ce qui est écrit; ce qu'il y a de plus divin dans le cœur de l'homme n'en sort jamais.*» Foi justamente essa parte divina a que veio engrandecer o livro, e aproximalo de uma causa superior.

Verdade é que só para depois da morte se póde escrever assim; e quando a penna que, a horas mortas da noite, corre sobre o papel, é como uma esperança que vem girar com o sangue.

Quem vive de santas illusões, deve testar por esta arte o minguado quinhão, que o seu grande padecer lhe ganhou no mundo do pensamento.

É depois dos trinta annos, com a vida devorada pela força de uma paixão infeliz, que Lamartine encontra Raphael alimentando os ultimos clarões da amortecida luz da existencia com o fructo do trabalho, applicado a uma tira de terra ingrata.

A descripção d'esta pobre poisada faz-nos ter dó do misero Raphael, como se o tivessemos diante de nós; e até nos custa o vermos trocada a belleza do retrato da galeria do palacio Piti pela *belleza da morte*, que faz lembrar a Lamartine um modelo, que seria aproveitado pelo genio de Rembrandt para o seu quadro de Christo no Jardim das Oliveiras.

Quasi morto em vida, Raphael, affagando e alimen-

tando as andorinhas, nos fez recordar d'aquelles tão sentidos versos de Béranger:

Depuis . . . ans je vous conjure
De m'apporter un souvenir
Du vallon où ma vie obscure
Se berçait d'un doux avenir,
Au dètour d'une eau qui chemine
A flots purs, sous de frais lilas,
Vous avez vu notre chaumine:
De ce vallon ne me parlez-vous pas?

Ainda assim é o mesmo infeliz de quem a terra a custo encadeia a alma, e quando, ao queimar as suas memorias, lhe perguntam por que não salva algumas do fogo, responde, que são tantas as lagrimas que ha no mundo, que elle não deve derramar mais essas sobre o coração do homem. As chammas as seccariam todas, se um nome de mulher, escripto em algumas folhas de papel, as não salvassem. Para que este nome não seja profanado, entrega o manuscripto a um amigo, e expira como uma luz que se consumia a velar sobre uma sepultura.

(Concluir-se-ha.)

Constancia aldeã.

I

325 Viste o fidalguinho,
Tão dado e tão franco,
Venéras ao peito,
Sombreirinho branco,

Como andou com as moças
A rir e a folgar,
No dia da festa
Do nosso logar?

Viste-lo, Theresa?
Lembras-te, Luzia?
Reparaste, Rosa?
Déste fé, Maria?

Pois sabei, vós todas,
Que aquelle alfenim
Se perde e se mata
De amores por mim.

II

Á missa da festa
Primeiro nos vimos;
Ao beijar-se os padres,
Olhou-me e sorrimos.

Á porta da egreja,
N'aquelle apertão,
O lenço que eu tinha
Trocou-m'o na mão

Por este de seda
De trinta mil cores,
Que cheira a dois cheiros,
A rosas, e amores.

Quem me dá taes prendas,
E uns risos assim,
Bem mostra que estala
De amores por mim.

III

Nas danças do adro,
Que apertos de dedos!
Nos jogos de prendas
Que lindos segredos!

Sabei, (mas calluda!)
Sabei que é marquez!
E então que promessas,
Que o trasgo me fez!

Vou ser marquezinha!
Vou ter traquitana!
Dançar vamos juntos
A cracovianna!

Trajar seda e oiro,
Veludo e setim!
Dar-me-ha quanto eu queira,
Pois morre por mim.

IV

Ai dor! finda a sésta!
Marqueza mofina!...
Tornemos á ceifa;
Lá toca a bosina.

Com os mais segadores
Chrispim lá vem já;
Não lhe conteis isto,
Que endoidecerá.

Lá vem o meu coche!
Lá chega!... que lindo!
Lá passa!... que monstro!
Com outra vae rindo!

Pois hei de vingar-me.
Onde está Chrispim?
Este, sim, que estala
De amores por mim.

A. F. de Castilho.

Tractado de Versificação, pelo Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

326 A poetas e prosadores damos a boa nova de que a litteratura portugueza está enriquecida com um *Tractado de Versificação.*

A urgente necessidade d'este trabalho não carece de demonstração.

Foi uma fortuna para a nossa lingua e para a gloria das nossas lettras o haver tomado a si este trabalho o auctor da *Primavera* e do *Amor e Melancholia,* e o mais feliz e fiel dos traductores de *Ovidio.*

A Revista publicará brevemente dois fragmentos d'este *Tractado*.

O Conselho Superior de Instrucção Publica acaba de o approvar com mui grande louvor.

Eu e Elle.

327 *Post Scriptum.* — Decididamente quero que mude o titulo do artigo.

— Não póde ser; já está o numero do Jornal paginado.

— Pois deixe-o estar: não quero ser elle.

— Olhe que não é elle em versaletes.

— Seja como for: *elle* é uma coisa commum, e eu gosto do que é excepcional.

— Bom remedio, exceptue de si o admirador d'Ella, o chronista da *Revista Popular*, e o alviçareiro, quero dizer, o jocquey do Barão de Alfenim, e já ficará sendo uma excepção.

— Não cedo.

— Nem eu.

— Forte teima!

— Proteste como a judia nas *Tres Cidras do Amor*.

— Eu me vingarei.

— Não me traga muitos versos para o resto do artigo...

— Ha de precisar espaço para algum sermão: pregue sobre a paciencia, pois que não é mister pouca para quem o quizer fazer mudar de tenção.

— Veja o que diz: se faço sermão, olhe que ha de ser sobre a gula, e depois de o ver jantar.

Eis-aqui, sem tirar nem pôr, o dialogo que esta manhã houve entre mim e o amigo que me acompanhou a Cintra.

Antes de juntar este dialogo á parte do artigo que vou mandar para a imprensa, quero dizer a rasão por que lhe chamei *post scriptum*, e o mandei compor no principio do artigo.

Houve aqui n'esta cidade um santo homem, mestre de grego, que, para espairecer dos trabalhos do ensino, fazia um jornal: muitas vezes o periodico sahia com um *post scriptum* logo no começo. Todos se riam; e, comtudo, para o bom do professor não havia nada mais natural.

Um dia, ao entrar-me em caza, encontra um desapiedado censor do seu *post scriptum*: vinha morto por se justificar, e, sem mais cumprimento, dirigiu a todos as seguintes palavras. «Assim como eu sustento (e ensinava!) que a oração é como uma restea de alhos, que facilmente se desliga se não a conduzem com cuidado, tambem digo e sustento, que um jornal deve ser um raciocinio completo, que, participando a parte da natureza do todo, cada artigo deve de per si estar completo. O que eu escrevo depois do jornal feito não é conclusão, porque não tem premicias, logo é, como o titulo, um accessorio, e deve ir para a primeira pagina.»

Mutatis mutandis é uma rasão para o meu caso, e não será desauctorisada, porque se o mestre de grego não faz a *Oratoria da Cadeira*, o padre José Agostinho não dava com elle em terra.

Ainda assim é uma auctoridade que sempre val mais do que o Diccionario de Moraes, que já vi, com estes olhos que a terra ha de comer, citado em notas n'um Roteiro de navegadores portuguezes.

Oh poder das notas, a quanto obrigas!

Fecharei o *post scriptum* com uma explicação pessoal, que a ausencia de presidente permitte que não fique para o fim.

Eu não faço d'este artigo azas que pregue nos pés dos meus leitores. Detesto a mythologia ao ponto de desprezar um favor, que os assignantes de alguns jornaes prestam com muita amabilidade, e que os d'este não recusariam, se cortezmente lhe fosse pedido.

Descancem certos escrupulos, que me chegaram aos ouvidos, porque não ha nada mais innocente n'este mundo do que *Eu e Elle*.

Ao subir a escada do *Hotel Durand* encontrámos tres americanos com as phisionomias espantadas e as malas debaixo do braço.

Como metade das palavras, que se proferem em cada dia, não valem nada, o meu amigo pergunta-me:

— Que é isto?

— São tres pontos de interrogação, fugidos da contrafacção, feita em Nova York, da Lucrecia de Bulwer.

— Isso não é resposta.

— Protesto-lhe que os tres pontos faltaram-me hontem em um dialogo que li, passado de horror. Achei-os: tenho a edição completa.»

Como os homens não desciam, nós não subiamos.

Estavam pasmados para o muro que corre defronte da porta, e para o telheiro que fica fronteiro.

Ainda agora, que penso no caso, rectifico a comparação; e, se um dos poetas modernos de mais nomeada, disse, ha pouco, ao mundo, que o seu primeiro amor tinha a phisionomia do pensamento, por que não hei de eu dizer que o nosso primeiro encontro, em Cintra, foram tres completas interrogações?

Um d'elles começou machinalmente a folhear um livro que tinha na mão: eram as obras de Byron.

Podiamos subir, e deixar os homens alli como tres estatuas da semsaboria; mas travámos conversação com elles, e soubemos que a causa do seu estado perplexo era muito simples.

Desde a infancia ouviram fallar de Cintra — no primeiro navio, em que marinharam pelos cabos — na fabrica, em que depois foram trabalhar — na praça, em que vieram ganhar fortuna no jogo dos fundos, ouviram sempre contar Cintra como uma maravilha do mundo — não direi a oitava, porque não sei se tinham conhecimento das sete.

Ao cabo de muitos desejos e sonhos, chegam a Cintra: levam-nos para uma hospedaria, vão para a meza redonda, e dão com os olhos uns nos outros, sem mais viva alma do que o criado que os serve.

Levantam-se, accendem os seus charutos ao fogão, e pegam nas malas, pois que desejam ir para a melher hospedaria do logar.

Desculpámos, como podemos, o máu gosto dos nossos compatriotas, e convencemos os americanos de que todas as hospedarias estavam desertas, e que aquella era uma das melhores.

Se não fosse o amor que tenho *ao ninho meu paterno*, vinha aqui a proposito dizer alguma coisa ácerca de quem prefere ao sitio mais encantador do rei-

no, o sol do Chiado, a poeira e a musica do Passeio, as pedrinhas do Rocio, e até a Guarda da Praça e a impertinente Phoca.

Mas deixo a Cidade transformada em cêrca de Rilhafolles, e corro para o meu quarto no Hotel.

Tomei posse em poucos minutos.

Ao passar por uma sala, vi o meu amigo pasmado a contemplar não sei que letras, escriptas com diamante em um vidro da janella.

Era o dia dos espantos: fui para Sitiaes para scismar á minha vontade.

Deixámos as bexigas em Lisboa, encontramos a abstracção em Cintra, onde a sombra do astronomo de Lafontaine commandava uma colonia, que ía em demanda da nova Icaria do pensamento. O *Omnibus* havia de trazer-nos da cidade um novo Erasmo, para nos escrever o nosso elogio.

Fui só para Sente-ais, ou Sete-ais, como mais convier a quem ler.

Prefiro para meu uso Sente-ais, porque acho muito mais philosophica a expressão d'esta phrase, do que a da outra.

Entre sentir e repetir ha um abysmo que a accepção de uma palavra me fez passar de um salto.

O céu da parte do poente lançava sobre a relva do campo um reflexo de fogo: a Penna, pousada sobre um monte de verdejantes arbustos, destacava de si um fio de rochas aprumadas, que findavam no castello dos moiros. Cruzei os braços — senti-me erguer do chão, como os actores em uma magica — e pareceu-me que, pregado a um tronco, ahi tinha de ficar como se fôra uma tosca representação da melancholia.

Sinto um repellão forte n'um hombro, que me fez cambaliar, não no meu pedestal, que era uma illusão, mas sobre a terra.

Olho, e vejo um homem, que, a passo dobrado e com um grande sacco ás costas, se encaminha para a porta do antigo palacio do Marquez de Marialva.

Levei a mão á fronte; estava quente como sol do estio — a minha doença estava peior: começava uma recahida. Para o primeiro periodo receito um remedio forte, que atalhará a invasão — Raphael e Sequeira, dissolvidos em xarope de más gravuras postas muito á vista, e de algumas boas, escondidas no vão de uma escada.

Caminho para o saloio, e digo-lhe:

— Faz favor!

— Olá! você é o *alchiteto?*

Encolhi os hombros, e lembrou-me se este seria o mesmo saloio, que, ao entrar no palacio da Bemposta em dia de audiencia, e vendo que o rei era um homem como elle, se voltou para D. João VI, e coçando as melenas lhe disse com espanto: — Olá! você é que é o rei?

— Póde entrar!

Dizendo estas palavras, poisou o sacco em terra, sentou-se no degráu da porta, e deixou-me o caminho livre.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

13 A 21 DE MARÇO.

Diario n.º 61.

328 PARA conhecimento do Corpo do Commercio, e de quem mais possa interessar, se publicam as seguintes

Copias de varios paragraphos de um officio do Encarregado de Negocios, e Consul Geral de Portugal em Constantinopla, em data de 6 de Dezembro de 1848.

«Comtudo, quanto a vinhos, devo dizer, que os nossos do Douro genuinos poderão achar alguma extracção n'este mercado. Ha aqui um negociante que, desde algum tempo a esta parte, muito lucro tira do vinho do Porto, que manda vir de Inglaterra, e vende a retalho ao Paço e aos grandes dignitarios turcos, para as festas e banquetes, que muitas vezes dão ao Corpo Diplomatico, assim como aos francos mais abastados, até ao preço de 16 piastras (640 réis) por garrafa. Julgo que um sortimento de vinho do Porto tinto, da qualidade inferior até á superior, acharia aqui extracção, e serviria ao mesmo tempo de ensaio e de fazer conhecer as qualidades do vinho genuino do Doiro, tanto n'este paiz, como nos portos turcos do Mar negro, para onde se poderão mandar amostras d'elle.

O vinho genuino da Madeira está no mesmo caso, e é vendido da mesma maneira, e pelo mesmo individuo, até ao preço de 16 piastras, ou 640 réis por garrafa.

A remessa do vinho do Porto póde ser feita por via de Marselha, Genova, Malta, ou Inglaterra; e o da Madeira por esta ultima via.

Os vinhos tinto e branco, que produz este paiz, são tão baratos, que é mui duvidoso se os de Lisboa poderiam concorrer vantajosamente com elles; comtudo a remessa de amostras, em alguns oitavos de pipa, resolveria este problema.

Seria igualmente para desejar que o Commercio Portuguez se resolvesse a encetar especulações para Odessa com vinhos nacionaes, onde achariam prompta extracção, podendo o navio, que os conduzisse, voltar a Portugal com artigos da Russia; e a não convir ao especulador receber similhantes retornos, acharia o mesmo navio alli frete para a Italia, França, ou Inglaterra, de carga de cereaes e outros productos.

D'esta fórma aproveitaria o nosso commercio das vantagens, que lhe procurou o Tractado concluido entre Portugal e a Turquia, que abriu a livre passagem do Bosphoro á bandeira nacional, para concorrer com a das outras nações.

Devoção no Algarve.

(Carta.)

329 SR. REDACTOR. — Vi no periodico que V. redige, bem como na *Nação*, um artigo sobre irreverencias

religiosas, o que talvez tenha sido causa de nos vermos consternados pelo estado da atmosphera, pois que ha dois mezes e meio não cahe uma gotta d'agua que adoce os campos; tudo isto nos atemorisa, e tudo isto nos faz conceber a idéa de que a espada Divina quer descarregar seu golpe sobre esta infeliz provincia: não se veem mais do que Romarias, Preces, e Terços, mudanças de Santos d'umas para outras Igrejas, ás vezes em distancia de duas leguas. N'esta villa tambem houve a mesma demonstração, pois que no dia 9 do corrente uma Ordem do Administrador do Concelho annunciou, que n'essa tarde sahiria da Ermida de Nossa Senhora do Carmo para a Parochia, Santo Elias, para d'alli ser conduzido para a Igreja da Piedade em procissão, distante um pouco d'esta villa; ordenando mais, que tanto lojas como as outras cazas, assim de commercio, como de bebidas, portas e janellas dos mesmos proprietarios fossem fechadas do meio dia em diante, o que religiosamente se cumpriu. Pelas quatro horas da tarde sahiu com effeito a procissão, a que assistiram as irmandades e confrarias, acompanhando este acto religioso as pessoas mais notaveis d'esta villa, como um distincto Conselheiro, sua esposa, o Juiz de Direito, o Administrador do Concelho e seus subordinados, e mais pessoas, em numero superior a quatro mil.

Loulé, 13 de Março de 1849.

J. J. Jara.

Exemplo louvavel.

330 O acaso nos fez saber um facto que não deve ficar ignorado, porque a sociedade honra sempre com o louvor prestado ás boas acções.

O Sr. Antonio José dos Reis, Deputado ás Côrtes e Vereador da Camara Municipal, avaliando o quanto carece de auxilio o pobre Asylo da Mendicidade, offereceu-lhe o seu subsidio de Deputado, em quanto exercer aquelle logar; e consta-nos que, para em todo o sentido completar a sua caridosa resolução, tem ido pessoalmente entregar o referido subsidio a um dos Membros da Commissão do Asylo, assim que o recebe.

Não é este o unico favor que o Asylo deve ao Sr. Reis, pois que por sua causa não tem a variação do preço do trigo influido na conta do Estabelecimento, e o genero tem sido constantemente bom.

Deixemos a outros o prazer de se rirem dos ridiculos d'este mundo, em quanto nós folgâmos em lhe descobrir as raras virtudes.

Gremio Litterario.

331 Regosijamo-nos em que os cursos publicos comecem a ser uma realidade.

Não insistimos em as nossas considerações ácerca do perigo de tão precipitadamente improvisar serões litterarios, porque nos consta que esta proficua solemnidade se ha de repetir; e esperâmos para então, afim de ver se os conselhos da imprensa e dos amigos serão ouvidos. Faremos só um reparo, e vem a ser, que a falta de senhoras, que temos ouvido censurar, tambem se deve attribuir á mesma malfadada precipitação, pois que é sabido que os nossos usos ainda para taes actos não dispensam o convite, que, n'este caso, deve ser feito pelos modos mais attenciosos e delicados. Antes de censurar convém averiguar de que lado está, não diremos a falta, mas o esquecimento.

Eis-aqui o plano dos cursos publicados pelo Gremio.

Na primeira epocha.

Curso de bellas-artes professado pelo Sr. J. A. Corvo nas quartas feiras ás sete horas e meia da noite.

Dito sobre as machinas de vapor pelo Sr. J. M. P. Horta, nas quartas feiras ás nove horas da noite.

Dito de economia agricola pelo Sr. Dr. A. J. de Figueiredo, nas segundas feiras ás sete e meia horas da noite.

Dito de chimica applicada á agricultura pelo Sr. J. M. d'Oliveira Pimentel, nas segundas feiras, de 15 em 15 dias, ás nove horas da noite.

Dito de anatomia e physiologia populares, em presença de um modelo de anatomia elastico, pelo Sr. Dr. A. D. Guerreiro.

Dito sobre a geologia theorica pelo Sr. J. M. Latino Coelho, nas terças feiras ás sete horas e meia da noite, a começar em 26 do corrente.

Dito de economia politica pelo Sr. L. A. Albuquerque.

Dito de historia de direito romano, nas sextas feiras ás sete horas e meia da noite, a começar em 23 do corrente, pelo Sr. M. M. da Silva Bruschy.

Dito sobre a influencia da litteratura do seculo XVIII na litteratura do seculo XIX, e caracter da poesia n'este seculo, pelo Sr. A. P. L. Mendonça, nas terças feiras ás nove horas da noite, a começar em 17 de Abril.

Na segunda epocha.

Curso de physiologia vegetal pelo Sr. Dr. J. M. Grande.

Dito sobre a litteratura grega pelo Sr. A. J. Viale.

Dito de geometria descriptiva e suas principaes applicações, pelo Sr. G. N. Rego.

Dito de litteratura epistolar pelo Sr. A. S. Tullio.

Dito de meteorologia pelo Sr. J. H. Fradesso da Silveira.

Dito de astronomia popular por Daniel A. Silva.

Ulteriormente serão annunciados os dias e horas dos cursos a respeito dos quaes se não faz hoje essa indicação.

As pessoas que não pertencem ao gremio poderão obter admissão aos cursos por meio de bilhetes, cuja distribuição é feita pelos senhores professores.

As pessoas que desejarem obter um attestado de frequencia dos cursos, deverão previamente inscrever-se para esse fim em um livro, onde se marcará o numero de lições a que assistirem.

Cada bilhete de admissão serve para o cavalheiro que o apresente, e para as senhoras de sua familia que o acompanharem. — Lisboa, 17 de Março de 1849. — *Daniel Augusto da Silva*, Secretario.

Pianista distincto.

332 Chegou a esta cidade o Sr. Pheiffir, pianista allemão. Cedo o poderemos avaliar, porque dará alguns concertos em S. Carlos.

Se as informações que temos não falharem, este artista merece as sympathias do publico.

Suicidio pela chuva.

333 Consta que para o sitio de Alcantara um padeiro, ao ver cahir a primeira abençoada chuva com que Deus acudiu á nossa agricultura, tentou como Judas cortar a vida com o laço de uma corda. Parece que já tinha comprado algum trigo por preço mais alto, e que esperava realisar grandes lucros com a fome, onde elle queria achar fortuna. Informam-nos que lhe acudiram a tempo.

Origem de algumas flores.

334 A rosa é originaria do Oriente.

O lyrio vem da Syria; lá cresce naturalmente nas margens dos regatos e no meio das sebes.

O lilaz é oriundo da Persia: foi trazido de Constantinopla para França no reinado de Luiz XIV.

O girasol veio do Mexico.

As camélias vieram da China. Foram importadas para a Europa, ha para cima de sessenta annos, por um jesuita. A mais linda camélia, que se conhece na Europa, é uma que existe no palacio real do rei de Napoles, em Caserta; tem mais de quatro varas de altura.

A rosa de Bengala e a hortensia vieram da India, ha coisa de 56 annos.

A dahlia nos veio da America do sul.

* *

Telegrapho electrico.

335 Nos principios do mez passado effectuou-se, em Folkestone, uma experiencia do mais alto interesse.

Tratava-se de saber se era possivel estabelecer telegraphos electricos submarinhos. Para se levar a effeito esta experiencia, tomou-se um arame do diametro de um quarto de pollegada e do comprimento de duas milhas, mergulhou-se na agua, ficando uma das extremidades em contacto com um apparelho telegraphico em terra, e a outra com outro egual apparelho collocado em um barco de vapor, distante duas milhas, comprimento do arame; o qual arame estava coberto com uma camada de *gutta percha*. A experiencia durou duas horas, e ficou completamente provada a possibilidade de se poderem estabelecer taes telegraphos.

Theatro de S. Carlos.

336 A epocha tem corrido muito brilhante. O publico ainda se não dava por satisfeito com as representações de *Macbeth*, quando *I Masnadieri* e a repetição da *Clara de Rosemberg* vieram variar as representações.

No sabbado volta á scena *Chi dura vince*.

A empreza tem satisfatoriamente cumprido o seu dever, e o publico premeia com a concorrencia repetida esses seus esforços, que, por seu interesse, não deve deixar de continuar.

COMMERCIO.

337 Cereaes em 21 de Março.

Trigo do reino rijo	de	380	a	490	réis	a bordo.
» » molle	de	460	a	560	»	»
» da ilha	de	400	a	500	»	»
Milho do reino	de	230	a	270	»	»
» da ilha	de	210	a	220	»	»
Cevada do reino	de	240	a	250	»	»
» da ilha	de	200	a	210	»	»
Centeio do reino	de	250	a	270	»	»

Praça de Lisboa, 21 de Março. — Fundos publicos de 5 por cento, 51 a 52. Acções do Banco de Portugal 468$000 réis. Nos mais papeis de credito não ha alteração. Agio das Notas do Banco de Lisboa, compra 2$060 — venda 2$030.

— Cambios effectuados na Praça de Lisboa em 17 de Março de 1849.

Londres	30 d v.	$53\frac{5}{8}$
	60 d v.	$53\frac{3}{4}$
	90 d d.	$53\frac{7}{8}$
París 100 d d		527
Hamburgo 3 m d.		$48\frac{3}{4}$
Amsterdam »		$43\frac{1}{2}$
Porto 8 d. v.		$\frac{1}{2}$ por 100.

— *Estado do mercado em 21 de março de 1849.*

Caffé. — Frouxo, faltando as boas qualidades.

Assucar. — Tem continuado ss vendas para a terra a 1$400 e 1$500 réis o branco de Pernambuco, e 1$050 o mascavado.

Cera. — A amarella d'Angola tem alcançado 225 réis, e a branca 240 réis. Esta ultima qualidade é mui pouco procurada.

Marfim. — Não é procurado.

Urzella. — Empatada.

Correspondencias.

338 Sr. Redactor. — N'estes dias tem augmentado consideravelmente o preço dos cereaes, pois que, estando o trigo a 400 réis o alqueire, está no Terreiro a 750 réis; cevada que estava a 200 réis, está a 380 réis; milho de 280 subiu a 550 réis; e julga-se que continuará o augmento, porque os campos estão quasi todos reduzidos a pasto, pois até horrorisa

olhar para elles. E faltava-nos mais ter sido mimoseados com bastante neve, que ha tres noites successivas cahe, o que tem feito seccar completamente os gomos das figueiras, o producto mais solido da nossa provincia. Emfim, *Deus super omnia.*

Loulé, 13 de Março de 1849.

J. J. Jara.

Pernambuco, 19 de Fevereiro. — Estão no porto os seguintes navios portuguezes: barca Bella Pernambucana, brigues Flôr do Tejo, Flôr da Maia, Ventura Feliz, Maria José e S. Domingos. O cambio sobre Lisboa fez-se a 100 por 100 premio por metal, e sobre Londres a 26 dr.os por 1$000 réis a 60 dias. Aguardente de 25 gráus por importação 18$000 réis cada barril vendida a retalho. Azeite de Portugal 2$000 a 2$800 por canada: no mercado ha falta d'este genero. Enchadas 600 réis cada uma, e ha falta d'estas e outras obras de ferro. Machados das fabricas do Porto 500 a 640 cada um: ha falta d'elles. Prezuntos de Traz-os-Montes 12$000 réis por arroba: faltam. Vinho de Lisboa, d'esta marca P R R, 100$000 a 110$000 a pipa, sendo tinto e branco a 110$000: de outras marcas 95$000 a 100$000 réis.

BIBLIOGRAPHIA.

339 *Compendio de Historia Universal*, por José da Motta Pessoa de Amorim. Publicou-se a 2.ª folha do tomo 2.º, e contém;

Historia Sagrada. — Saul faz evocar Samuel, peccado de David.

Vende-se a 20 réis a folha na Rua Augusta, N.os 1 e 8; e a 300 réis o volume em quasi todos os livreiros: em Coimbra na loja do Sr. Dardalhon, e em Evora na do Sr. Gama.

—

A Democracia em França, por Mr. Guizot. — Traducção do Sr. M. Cabral. Vende-se na Rua Augusta n.º 8. — Preço 160 réis.

—

Giornale Agrario Toscano, redigido pela Sociedade Georgophila de Florença. — Um vol. in 8.º todos os tres mezes — por anno 2$560. — Assigna-se em Florença, na loja de Vieusseux, e em París na Livraria Agricola.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.º 82.

Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.....	$600	réis.
Vinte e quatro ditos	1$200	»
Quarenta e oito ditos.....	2$400	»

Por assignatura sahe cada numero a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.º 8, e nas mais lojas em que se annunciar.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

São correspondentes d'este jornal nas terras abaixo mencionadas, as pessoas que fazem parte da seguinte relação:

Porto, o Sr. Francisco José Coutinho, Typographia Commercial — Abrantes, o Sr. Raimundo José Soares Mendes — Setubal e Alcacer, o Sr. Agostinho Rodrigues Albino — Alemquer, a Sr.ª D. Maria Jacintha Salgado — Almada, o Sr. Francisco Antonio de Almeida Coelho — Beja, o Sr. José Ricca — Campo de Ourique e Sines, o Sr. Joaquim Pires de Mattos — Cascaes e Cintra, o Sr. Alexandre da Motta Villas-Boas — Castello-Branco, o Sr. Francisco José Mourão — Elvas, o Sr. Antonio Ferreira Guimarães — Lagos, o Sr. Januario José Simões — Leiria, o Sr. Miguel Joaquim Leitão — Peniche, o Sr. Francisco Manuel Velloso de Horta — Portalegre, o Sr. João Anastacio Dias Grande — Santarem, o Sr. João Bonifacio Guimarães — Torres-Novas, o Sr. Olimpio Justino Victor — Amarante, o Sr. Victorino Ferreira Bessa — Aveiro, o Sr. José Simões de Paiva — Braga, os Srs. João Antonio de Oliveira Braga e Luiz do Amaral Ferreira — Feira, o Sr. Bernardo José Corrêa de Sá — Valença, o Sr. Manuel Leite Ribeiro e Silva — Villa Real, o Sr. Manuel Ignacio Pinto Saraiva — Coimbra, o Sr. Joaquim Maria Soares de Paula — Evora, o Sr. José Mathias Carreira — Ilha Terceira, o Sr. Lucas Chaves — Fayal, o Sr. Manuel Maria Madruga de Bettencourt — Madeira, o Sr. Christovão José de Oliveira.

— Agradecemos a carta e poesias, que, de S. Miguel, nos mandou o Sr. Leite.

— Agradecemos ao Sr. Antonio Pereira da Cunha a linda poesia com que brindou o nosso Jornal.

— O Expediente do numero anterior prova que o Sr. Castilho e nós não tinhamos conhecimento de que as suas poesias — Constancia Aldeã, e Rapaz dos Burros — se publicaram no *Iris*, periodico do Rio de Janeiro. Apesar d'isso, faremos a sua publicação por nos terem sido dadas directamente pelo auctor.

— Recebemos o Diario de Pernambuco, o Iris, jornal do Rio de Janeiro, o Angrense, a Revista Militar, e um opusculo, mandado publicar pela *Sociedade promotora da Agricultura Michaelense*, tendo por titulo — *Considerações sobre o proveito da cultura do Tabaco em S. Miguel* — pelo Dr. Vicente Ferreira da Costa.

— A carta do Sr. F. M. C. Junior será mui brevemente considerada.

— Recebemos, por boa mão, a estrêa de um poeta de verdes annos, a qual será publicada.

— Agradecemos aos nossos correspondentes de Castro Verde e Loulé as suas noticias, as quaes esperâmos continuar a receber.

Erratum. — Na pag. 223, col. 2.ª, lin. 34, onde está — *salta* — deve ler-se — *solta*.